



## **PATRIMÔNIO IMATERIAL: MAPEAMENTO E REGISTRO DA PRESENÇA DE BENZEDEIRAS E BENZEDEIROS NO EXTREMO SUL CATARINENSE.**

**Arte, cultura e educação: identidade e memória.**

*Caroline Alves Pereira<sup>1</sup>*

*Michele Gonçalves Cardoso<sup>2</sup>*

### **1 Introdução**

Essa pesquisa é desenvolvida por meio do projeto do PIC. Art 170, vinculada a Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC. A mesma teve início no ano de 2016, portanto, é uma pesquisa que está em andamento. O presente projeto tem como objetivo realizar um mapeamento das práticas de cura realizadas por benzedeadoras e benzedores no extremo sul catarinense.

Através desse mapeamento pretende-se localizar as cidades em que estas práticas ainda são presentes. Após a localização dos benzedeadores e benzedeadoras são realizadas as entrevistas com o objetivo registrar as práticas de cura através das rezas e das plantas utilizadas. Busca-se ainda analisar as relações dessas práticas com o catolicismo.

A importância do mapeamento se dá pela possibilidade em nos ajudar a compreender como essas tradições permanecem e são ressignificadas no tempo presente. O projeto é vinculado ao grupo de pesquisa Patrimônio Cultural: Histórias e Memórias.

Muitos trabalhos sobre essa temática foram realizados na região de Florianópolis, no entanto, o sul catarinense possui poucos registros sobre as práticas de benzer. Com isso, pretendemos localizar esses indivíduos e registrar suas práticas, rezas, enfermidades mais recorrentes e plantas utilizadas pelos mesmos, desse modo, estaremos preservando esse saber imaterial que ultrapassa gerações.

---

<sup>1</sup> Acadêmica da 7 fase do curso de História da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC. E-MAIL: [ccarol\\_ap@hotmail.com](mailto:ccarol_ap@hotmail.com)

<sup>2</sup> Mestre em História. Doutoranda em História. Bolsista FUMDES/ UNIEDU de Pós-Graduação. Professora do curso de História da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC. E-mail: [michelegc@unesc.net](mailto:michelegc@unesc.net)



## IV Colóquio de História da Educação

Dessa forma, a pesquisa faz o mapeamento dessas cidades que ainda possuem a presença das práticas da benzedura registrando esses saberes a partir da metodologia da história oral. Através da oralidade damos voz a essas pessoas proporcionando um espaço para relatar sobre suas próprias experiências, onde o indivíduo irá voltar-se para as suas memórias e sua trajetória enquanto protagonistas do ato de benzer.

Fundamentamos essa metodologia a partir das contribuições de Lucília de Almeida (2010), que destaca que a história oral é uma forma do entrevistado expressar sua memória e seu tempo. A historiadora Marieta de Moraes Ferreira (2002) afirma ainda ser o uso da história oral capaz de fortalecer identidades e transformar a sociedade.

Através da metodologia da história oral a pesquisa vem se desenvolvendo, pois por se tratar de cultura e saber imaterial, é preciso dar voz aos protagonistas da história, no caso, as benzedoras e benzedores, que tem a prática da cura por meio da benzeção como parte de seu dia-a-dia, assim, esses indivíduos tem esse espaço para compartilhar conosco, a partir de suas memórias e experiências.

A pesquisa com as benzedoras e benzedores vem nos mostrar a permanência dessa prática ainda hoje no extremo sul catarinense, sabendo que durante o Brasil Colônia, os povos nativos e africanos que viviam aqui muito antes dos europeus chegarem, já recorriam aos tratamentos alternativos para curar suas enfermidades, usando os recursos naturais, ou seja, as plantas e ervas.

Contudo, com a chegada dos portugueses ao estado de Santa Catarina, ocorreu o que conhecemos por sincretismo religioso, no caso, as crenças e práticas de cada povo passaram a conviver no mesmo contexto histórico cotidianamente. As benzedoras logo foram desprezadas pela medicina europeia, que julgava essas práticas como sendo feitiçaria, assim, a cura por meio das práticas naturais era considerada bruxaria.

A preocupação em transmitir esse conhecimento da cura por recursos naturais de mãe pra filha é o que nos permite hoje ter contato com essas práticas e saberes, desde o Brasil Colônia até os dias atuais; encontramos essa sucessão de saberes, devido à importância da oralidade, que atravessa gerações e se mantém viva.

Desse modo, a pesquisa está preservando memórias e saberes de indivíduos que detém um conhecimento muito significativo e contribuirá para a preservação e



## IV Colóquio de História da Educação

valorização das práticas de benzedura, sendo que esta é considerada um patrimônio imaterial pelo IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

A partir do decreto 3.551/2000 do IPHAN, o ofício de benzer foi reconhecido como cultura imaterial, o que fortaleceu ainda mais a existência dessas práticas, pois em pesquisas já realizadas, podemos evidenciar que muitas benzedadeiras sentiam-se desconfiadas e inseguras perante as suas comunidades fato que vem mudando após os registros realizados pelo IPHAN.

Assim, a pesquisa localiza esses indivíduos e faz o mapeamento dessas práticas no sul do estado destacando suas permanências no tempo e evidenciando a presença dessa prática, que é considerada um elemento não tangível do Patrimônio Histórico (LEMOS, 1981).

Com esse projeto já foram realizadas algumas entrevistas e conversas informais com algumas benzedadeiras sendo que uma entrevista está completa e já transcrita. Com as demais benzedadeiras já tivemos contato pessoalmente e trocas de conversas. Com essas mulheres foram marcados horários para que possamos fazer as entrevistas, pois grande parte delas não tem muito tempo disponível durante a semana, e ainda, em finais de semana. Com a ida em suas casas e em lugares de atendimento à população já entramos em contato com esse ambiente próprio de uma benzedeira ou benzedeiro. Observando o fluxo de pessoas, seus quintais, santos, quadros e todos os objetos de uso para a prática do benzimento.

Primeiramente, se faz o contato por telefone ou indo até as suas residências, de acordo com o endereço que obtemos, e assim, conversamos com as mesmas, apresentando o projeto, e de acordo a benzedeira ou benzedeiro é definido um dia para realizar a entrevista.

Inicialmente já foi localizado algumas mulheres benzedadeiras que já conhecíamos, e também fazendo a pesquisa em campo, perguntando para familiares, amigos, e a comunidade em geral. Com a primeira benzedeira localizada, a partir de nossas conversas foi possível encontrar outras mulheres e homens que benzem onde elas mesmas citavam e nos passavam o endereço.

Em nossas pesquisas, já foram mapeados benzedadeiras e benzedeiros em Sombrio, Meleiro, Jacinto Machado, Turvo, Balneário Gaivota e Araranguá, cidades



## IV Colóquio de História da Educação

essas do extremo sul catarinense. A medida que a pesquisa é divulgada ou apresentada, muitas pessoas ficam interessadas pelo assunto tratado, assim como as próprias benzedeadas e benzedeiros que se surpreendem com iniciativas como essa.

Com o conhecimento dessa pesquisa pelas pessoas, e também, no meio acadêmico, muitas delas vem nos procurar para falar de alguma benzedeadora ou benzedeador que conhecem, ou que os pais conhecem, e até mesmo para nos passar o endereço, e isso contribui muito e nos satisfaz enquanto historiadoras e pesquisadoras.

### REFERÊNCIAS:

BRASIL. **Decreto nº 3.551, de 04 de agosto de 2000.** Disponível em: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/Decreto\\_n\\_3.551\\_de\\_04\\_de\\_agosto\\_de\\_2000.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/Decreto_n_3.551_de_04_de_agosto_de_2000.pdf)

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História Oral: memória, tempo e identidades.** 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. v. 1. 135 p.

FERREIRA, M. M. **História, tempo presente e história oral.** Topoi (Rio de Janeiro), Rio de Janeiro, v. 1, n.5, p. 314-332, 2002.

LEMONS, Carlos A. C. **O que é patrimônio histórico.** São Paulo: Ed. Brasiliense, 1981. 115 p.